

DISCO

MUNDIAL

N.º 21 ★ DEZEMBRO 1947



1

ESC.

NERA
COINCIDÊNCIA

Zano

A Medicina Através dos Tempos

Desde eras remotas que o homem tem tido esta preocupação avassaladora: tratar da saúde do próximo.

Já na idade da pedra britada, havia uns cavaleiros que curavam as feridas provocadas pela incisão das lascas dos pedregulhos partidos à força de fenomenais marretas.

Esses incidentes e uma ou outra queda desastrosa é que davam de fazer aos médicos de então pois as doenças ainda não eram conhecidas visto toda a gente gosar de perfeita saúde.

Além disso, não havia naquele tempo mixordeiros que dessem cabo dos alimentos sãos, base essencial de uma saúde não menos sã.

Com o andar dos séculos, apareceu o físico que era uma criatura de longas barbas, muito entendida em xaropadas, bichas e vermífugos, com os quais expulsavam do corpo enfermo as febres malignas, as maleitas perniciosas e os sofrimentos mais ou menos crônicos.

Depois, vieram o médico e o cirurgião. E, finalmente, surgiu uma legião enorme de especialistas, que eram tão médicos como os outros só com a pequenina diferença de levarem o triplo — quando não era mais — do preço da consulta.

Posto isto para esclarecimento dos meus caros alunos, vou começar esta lição pelo corpo humano e os seus males. Das curas não falo porque são o segredo do negócio.

O corpo humano, como quase todos os corpos, é uma coisa que se vê a olho nu.

Divide-se o corpo humano em cabeça tronco e membros, teoria que tem barbas que se farta.

Em qualquer destas partes do corpo se instalam as doenças propriamente ditas, as quais se dividem em duas espécies: curáveis e incuráveis.

Tanto umas como outras

veem a dar no mesmo pois o que é preciso é que que haja doentes, uns mais permanentes do que outros, para o médico poder governar a sua vida.

Na cabeça,, além dos parasitas, alojam-se enfermidades bastante melindrosas tais como: macaquinhos no sótão, peladas, lobinhos, quistos sebáceos, furúnculos e muitos outros males que levariam muitas horas a enumerar.

No tronco, as doenças são em maior número ainda pois é aí que residem os principais órgãos de toda esta música que, uma vez desafinada, dificilmente entra na ordem.

Finalmente, é nos membros que os males são particularmente dolorosos. O reumatismo, a gota, as unhas encravadas, as frieiras, os calos agravados, etc., martirizam o pobre mortal que não tem outro remédio senão procurar na sapiência do médico, o lenitivo para o seu sofrimento.

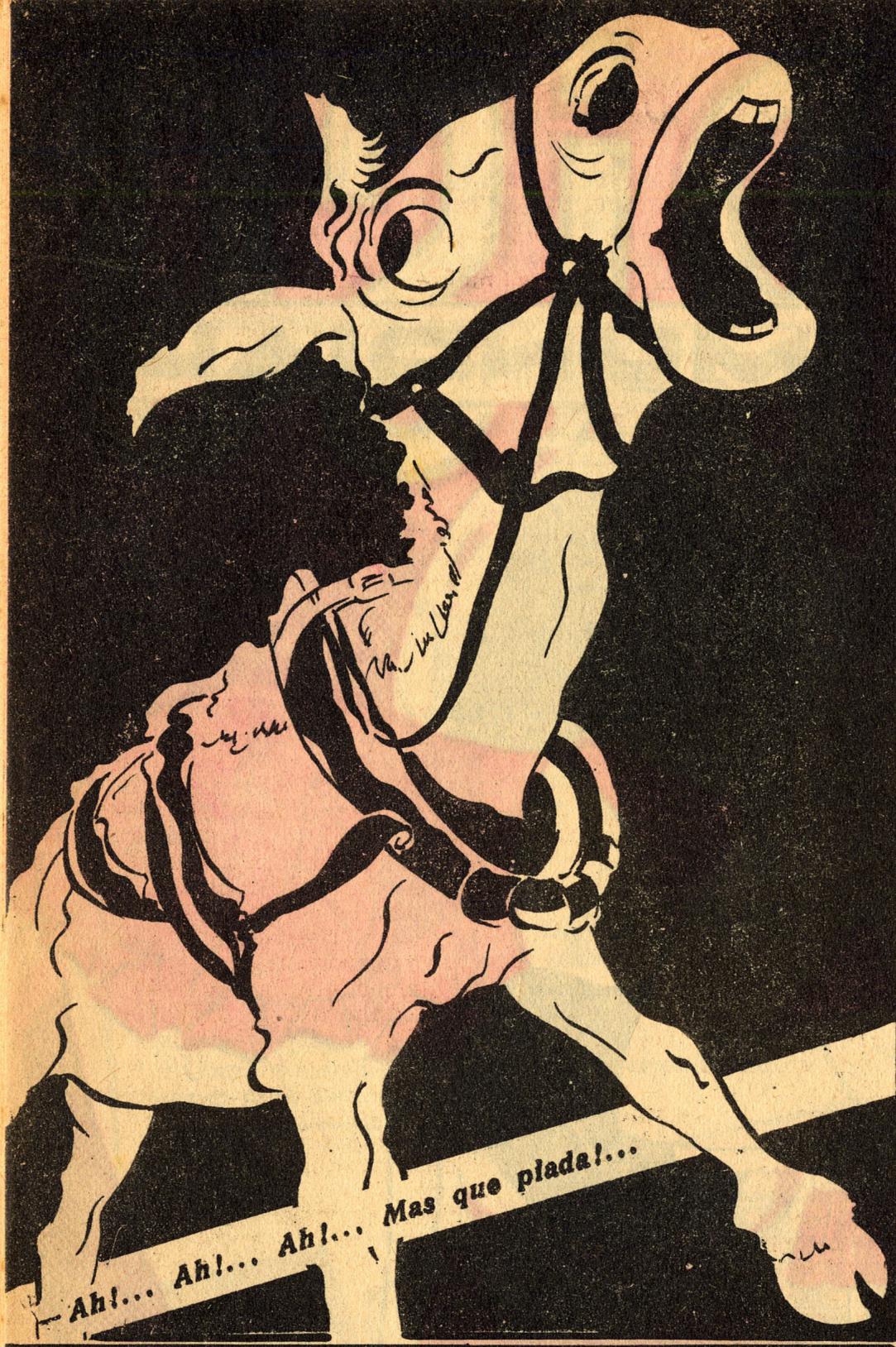
Antes de se proceder ao tratamento de qualquer doença, torna-se necessário determinar qual a espécie da enfermidade. Aí é que está o *busilis*, que também é conhecido pelo nome de diagnóstico.

E a auscultação é o processo mais indicado e a primeira regra a cumprir.

Para se auscultar um doente é preciso ter um ouvido muito apurado, capaz de diferenciar o ruído de uma formiga a andar, do estrondo de uma bomba mesmo atômica que seja.

Isto de dar fé do que se passa cá dentro de nós poderá parecer à primeira vista — ou ao primeiro ouvido, como queiram — uma curiosidade muito condenável mas o que é certo é que a auscultação torna-se necessária. E tanto é necessária que o médico não a dispensa, sobretudo quando se trata de uma consulente

(Continua na pág. 11)



GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

E' concorrer, é concorrer... Todos os dias chegam à nossa redacção dezenas de cartas com quadras para este ultra-fantástico concurso. E' concorrer, leitor, que o praso está acabar e os prémios são tentadores!

QUADRA N.º 15

Sou solteiro e bom rapaz
O meu nome é Atanázio
De profissão capataz
Mas de ninguém faço «cásio»
Patarrú

QUADRA N.º 18

Oh sogra da minha alma,
Oh meu anjo idolatrado;
Se cá pões um pé em casa,
Vais passar um mau bocado.
Cantifla

QUADRA N.º 16

Eu mandei vir da China
Um bonequinho de marfim,
Que se pucha por uma linha verde
de que tem presa no calcanhar
do pé esquerdo.
E diz com a cabeça que «sim»!
D'Elrega

QUADRA N.º 19

Nesta vida amargurada
Eu sôfro a tórtc e a oito,
Porque a minha sogra amada
Tem calos no pé direito!!!
«Tojalão»

QUADRA N.º 17

Estava o pobre do inocentinho
A fazer gaiolas p'ra grilos...
Veio a «marvada» da mãe (aquela tratanta...)
E meteu-lhas pelos gargomilos!
D'Elrega

QUADRA N.º 20

Quando te dei aquele beijo,
Na tua face rosada,
Um maldito percevejo;
Truca... Deu-me uma dentada.
António Gomes

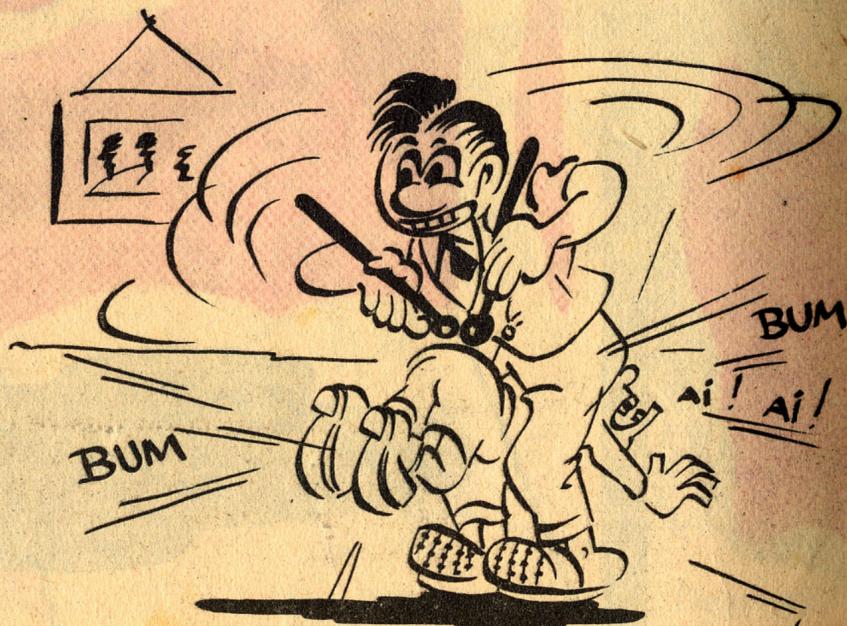
SENHA

Quadra
N.º

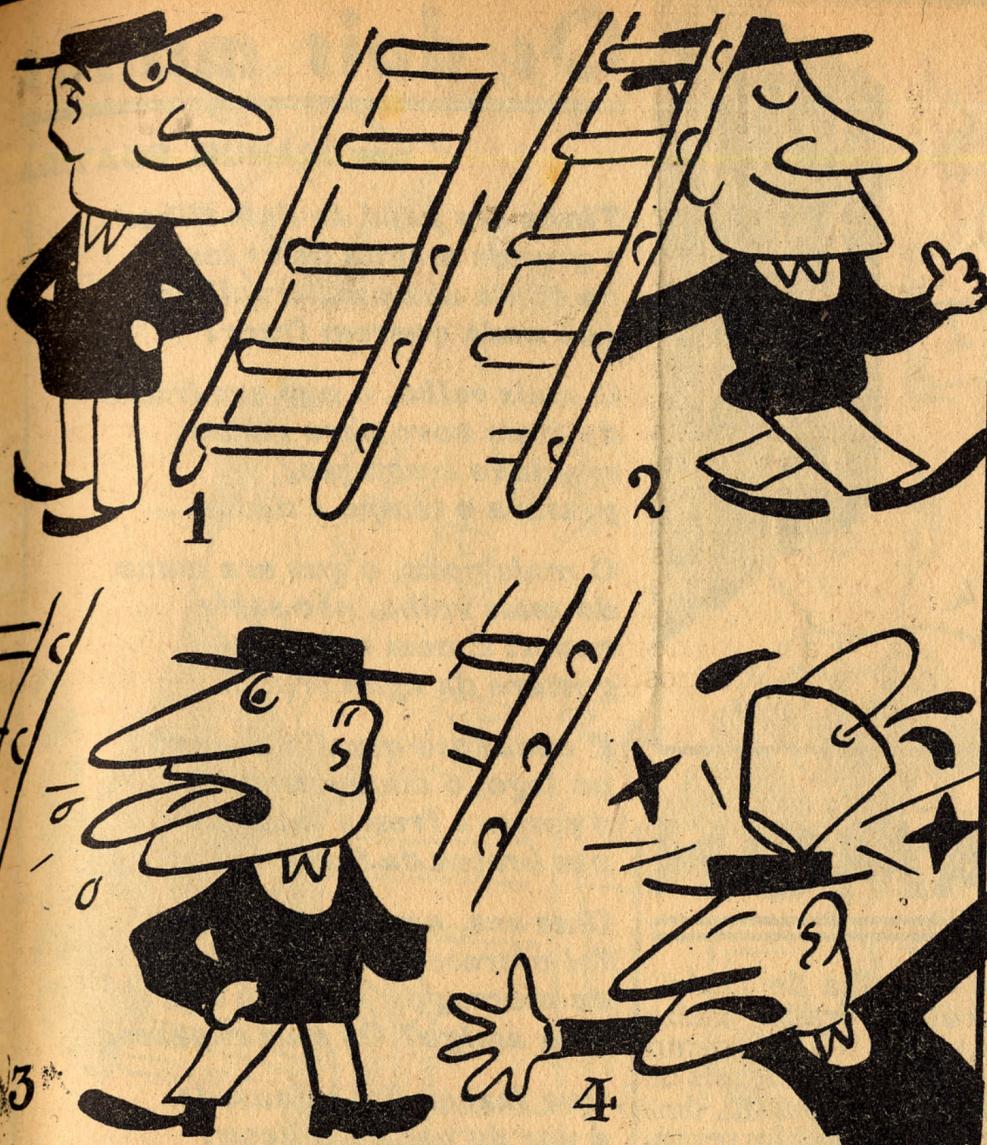
VOTO NA QUADRA N.º

NOME

LOCALIDADE



QUANDO O BATERISTA BATE NO FILHO!

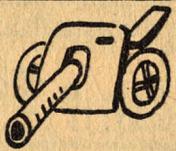


3
4
ELE NÃO ERA SUPERSTICIOSO !!!

AMERICANICES A PORTUGUESA

A fruta, embora isto pareça mentira, não se come só com os dentes. Come-se também com a casca.

Um chinês muito nosso amigo e por sinal um grande negociante pediu-nos que lhe publicassemos o anúncio abaixo.



J. Paniápa

— Imbecil, não vês que puseste o projectil ao contrário!

Se algum dos nossos leitores estiver interessado em qualquer dos artigos anunciados é só pedir para a morada indicada pois será prontamente atendido.

Chiang-Lan de Liantum and Chantum in OKh, stsh e Quian Chiu mais Fuchen por Sim-him do Guingão.

Rua da hien-Quien.
Percebeu?!... Ah, não!?!
Nem eu.

Ele olhou-a com um daqueles olhares de quem diz: este é o tipo de mulher que o médico me receitou.

Até na prisão... de ventre, só de lá sai quem tiver ordem de... soltura.

Ha muitas maneiras para se matar pulgas, mas aquela de a deitarmos no chão de barriga para o ar e de lhe deixar-mos cair em cima um percevejo, é para mim a preferida.

Américo José Girio

NOTICIA DE SENSACÃO

Em Freixo-de-Metrelhadora-às-Costas inaugurou-se hoje a estátua do ilustre conferencista D. João Beltrão Parlapatão da Purificação que começava todos os seus discursos do seguinte modo:

E' com satisfação que venho à inauguração desta estação.

Não o conhecia...

Por ROUSSADO PINTO

NÃO o conhecia... Nunca o tinha visto «nem mais gordo, nem mais magro». Por isso, admirei-me do seu olhar, brilhante de ódio. E fiquei indeciso, suspenso em expectativa, atento a todos os movimentos que executava, não fosse pregar-me partida séria.

Qual a razão daquele ódio? Desconhecidos... encontrá-vamo-nos pela primeira vez... Digo com sinceridade que fiquei atónito. Ainda tentei falar, mas a posição ofensiva que o vi tomar, obrigou-me a calar e a precaver.

Como é costume nestes casos, a multidão chegava e ia-nos rodeando, na esperança dum espectáculo vibrante. Um silêncio profundo envolvia-nos, e nem as moscas se ouviam, porque eram raras nessa altura. Questão de chuva e frio — no dizer dos entendidos.

Tremia de impaciência. Hão-de concordar que esta situação era ridícula. Na frente dum indivíduo, rodeado por muitos indivíduos, via a minha individual pessoa em transe... purgatório.

Por fim, isto é, para começar, o desconhecido antagonista estendeu o braço e amachucou-me o nariz num soco, com quanta força tinha. Ainda lembrei-me de perguntar-lhe que mal tinha feito o meu respeitável apêndice, mas mudei de ideias, e quase ia mudando de estado...

No entanto, no meu espírito, chamei-lhe quantos nomes feios tinha aprendido. A multidão aclamava-o delirante-

mente, o que me levou a raciocinar que tão estúpido era ele como o povinho. Sem dúvida que a única inteligência ali presente, era a minha...

Entretanto, senti que levava outro soco, desta vez no estomago. (Não aconselho ninguém a fazer tal, porque o gosto a tripas revoltadas é indigesto). E quando levei o terceiro, nos queixais, fui de viagem ao céu azul, tão cantado pelos poetas, ver de perto as estrelas rutilantes, que dispndiam frouxos raios dum brilho suave...

Caí... o que é bastante humano. Alguém se ajoelhou junto ao meu corpo e pronunciou palavras ininteligíveis. Esperei que me ajudasse a levantar, mas... nada disso. Ergui-me conforme pude, sob os apuros da multidão.

Lembrei-me, nesse instante, que também era dado irritar-me, como todos os outros. Não me contive, saltei sobre o desconhecido que tivera a ousadia de me defrontar e descarreguei-lhe todas as energias que os meus 90 quilos armazenavam, até o ver estendido, deitando sangue por quantos buracos tinha no corpo.

Volúvel, como sempre, o povo aclamava-me, esquecendo-se do infeliz que jazia aos meus pés.

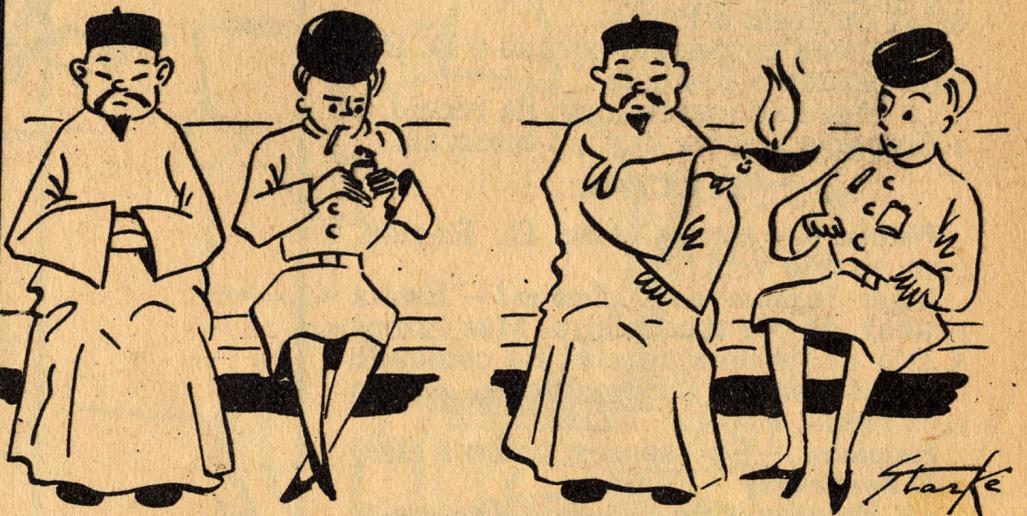
...E foi assim que ganhei o título de campeão dos pesos pesados. Combate duro duro, com farta assistência, onde enfrentei um adversário que... não conhecia!

ASSINE

RISO

MUNDIAL

3 MESES 13\$00



Starke



A MORTE DE D. RAMON

CENARIO

Uma cordilheira com muitas cavernas. Região dos Fincas. Cordilheira dos Andas.

Época dos Abd-Hullas

PERSONAGENS

D. Ramon — Fabricante de bancos
Pistoleiro — Chefe da tribu dos Fincas

FIGURAÇÃO

100 mil e um homens do exército do banqueiro.

100 mil e nove homens do exército do Pistoleiro.

Quando o pano sobe... desce o exército «finca» pela cordilheira.

Pistoleiro — (armado até aos dentes postigos e falando aos seus homens)

— Meus piratas, piratinhas e piratões!

Tenho a honra, porque sou honrado,

de lhes anunciar, que hoje haverá para todos, pão e vinho, com fartura, e assim poderéis fazer sopas de cavalo cansado! Quem paga... é o D. Ramon...

com a vidal!

1.º Pirata — Viva o chefe!
Todos — Viva!...

1.º Pirata — Morra o D. Ramon!
Todos — Morra!...

O cavalo do chefe — (impaciente) — Vamos a êle!

II CENA

Vindas da E. A. aparecem 404 mil patas de cavalo.

Exército de D. Ramon — As 436 mil patas de cavalo do Pistoleiro tomam posição. Sus-tem-se os galopes, para os artistas ouvirem o Ponto.

(Pequena suspensão porque o D. Ramon perdeu o comboio).

Os espectadores tremem de receio, e a Empreza resolve dar um intervalo.

III CENA

Pistoleiro — Então, êsse D. Ramon, vem ou não vem!

Lugar Tenente de D. Ramon! — Está a acabar de pôr a cabeleira. Mas vamos a isto que é uma pressa! Eu comando os seus homens! E tu Pirata, se não tens medo, avança... Leão.

Pistoleiro — Eh rapazes, vamo a eles!
O Realizador — Filma.

«A Batalha» tem começo: «Ouvem-se Tambores ao Longe» «O Submarino

Heroico» inicia a «Batalha de Trafalgar». Na «Patrulha da Alvorada» «Falta um dos Nossos Aviões» «O Sargento Imortal» manda avançar «Os Heróis de Batan» «Spitifire» em vôo picado, desfaz-se em metralha e «Todos Morreram Descalsos».

IV CENA

D. Ramon aparece por engano, mas ao ver que do seu exército «Tudo o Vento Levou» declama:

D. Ramon — «A Vingança dos Mortos», será «Amanhã é Nosso» «Gunga-Din» isto está a pedir «Chuva de Estrelas».

«Cai-lhe o Dêcor em cima» e morre gritando «Maldita Corvina».

P. S. — «O General Morreu ao Amanhecer», e o filme «Maldita Corvina», estreia-se qualquer dia.

FIM

Francisco Afonso (Eu)

Amadis Raposo (Eu)

Mário Leitão (Este)



Os dois manos

por MANUEL BOAVISTA

Tinha um papá de dois filhos a grande mágua de os ter na conta duns maltrapilhos que nada querem fazer!

O mais velho, o que era irmão do mais novo para reinar, era dado à nataçào, passava o tempo a nadar...

O mais novo, o que era mano do mais velho, não sabia nadar. E nem o fabiano gostava da água fria...

E enquanto um dia nadando no lago, o mano estendia o corpo à fresca sonhando nos braços da fantasia!

Uma vez, um amigo do pai foi oferecer-lhe uns cabazes de morangos. — Como vai, meu amigo? Os seus rapazes?

Que fazem eles? Cansada, a voz do papá explicou: — E' uma coisa desgraçada, (e a um e outro apontou) aqui o mais velho, nada, e o outro, acolá, nem nada!...

MÁ SORTE

Certo cavalheiro visita um amigo que se encontra recolhido num hospital.

— Que te aconteceu, bom amigo?

E o amigo com ar desolado:

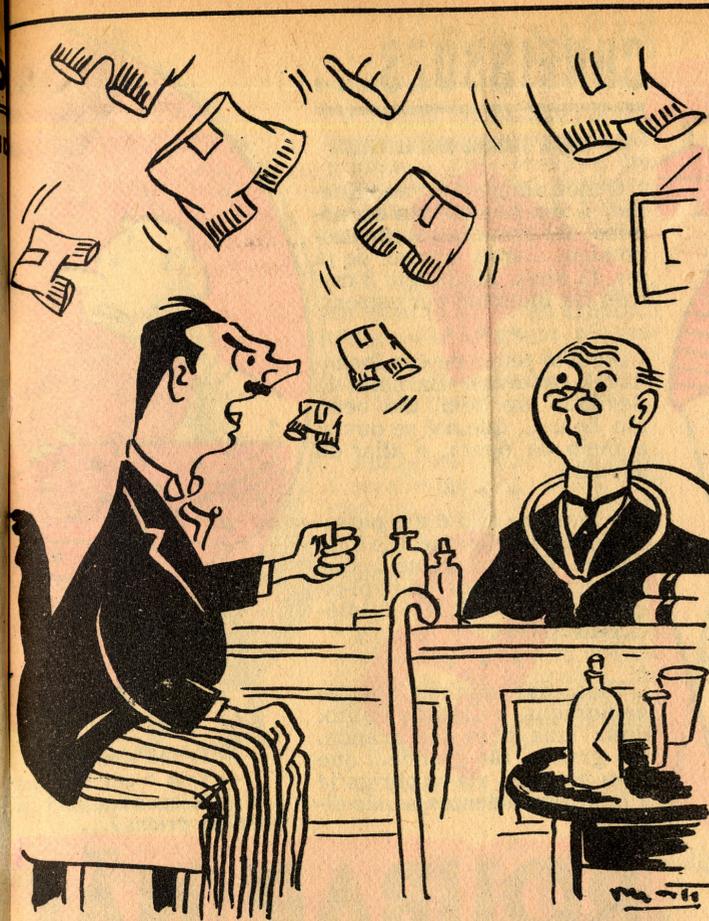
— Lembra-te do sobretudo que levei certa vez, por engano, do cabide do restaurante?

— Sim, lembro-me...

— E que aconselhaste a tingir de novo?

— Sim...

— Pois é... o tintureiro era o dono do sobretudo!!!



— Eu bem lhe dizia, doutor!... Quando falo, começam-me a sair cuécas pela boca!

A MULHER DO JESUINO

Eram tres horas da manhã. A noite, frígida, cheirava a aneiro.

Em casa do Dr. Tibério todos dormiam, saboreando o agradável fresquinho produzido por uma ventoinha há muito escangalhada.

Tlim, tlim... Tlim, tlim. A esposa do Dr. Tibério acorda estremunhada e ansiosa chama o marido:

— Tibé... Tibé. O telefone está a tocar. Acorda, depressa.

O Dr. Tibério levanta-se ensonado e corre à porta do quarto.

Não é isso, é o telefone a tocar.

— Está lá?— atende o Dr. Tibério, mal humorado.

— E' o Sr. Dr. Tibério? Preciso que venha imediatamente a minha casa. Aconteceu uma coisa horrível a minha mulher...

— Diga-me primeiro quem fala — interrompe o médico.

— E' o Jesuino Mesquita, da Alameda das Osgas. Desculpe incomodá-lo a esta hora, mas aconteceu grande tragédia: Minha mulher que costuma dormir com a boca aberta, engoliu um rato!

— Está bem. Irei dentro de minutos. Entretanto, enquanto eu não chego, você vai proceder desta maneira: Faz com que sua mulher continue de boca aberta, e aproxime-lhe dos lábios um pedaço

de bom queijo da Ilha. O Rato sentirá o cheiro e sairá; eu farei os curativos logo que chegue.

O homenzinho desligou o telefone e o Dr. Tibério correu a vestir-se. Agarrou nos instrumentos de cirurgia, saltou para um eléctrico e a suar chegou a casa do aflito Jesuino.

Abriu-lhe a porta uma criada olheirenta, testemunha do facto, que puzera a casa em sobressalto. Conduziu o Dr. através dum corredor e chegando em frente duma pequena porta, bocejou, e abriu-a, dizendo:

— Faz favor de entrar, é aqui.

O médico viu-se então na presença da mulher do Jesuino, que fazia enorme careta, com a boca escancarada, enquanto o seu marido, ainda em trajes menores, lhe sustinha junto aos lábios, um apetitoso carapau crú, ao mesmo tempo que chamava:

— Tareco, tareco.

— Anh! Que Diabo é isso? Então eu não lhe disse que agarrasse um bocado de queijo? Os ratos não gostam de carapaus!...

— Bem sei, sr. Dr. — respondeu o pobre Jesuino — mas depois de eu telefonar entrou também o meu «Tareco».

Produções HECA

O SENHOR CANESU E UM LADRAO

Como todas as noites, antes de se deitar, o senhor Canesú viu debaixo da cama se havia algum ladrão. E, efectivamente, havia um.

— Que faz você aí? — perguntou amavelmente.

O ladrão arrastou-se para fora do seu esconderijo e pôs-se em pé, um tanto envergonhado.

— O senhor verá — balbuciou. — Eu estava esperando.

— Esperando o quê?

— Estava esperando que o senhor se deitasse para a seguir roubar com tranquilidade.

O senhor Canesú cofiou a barba.

— Compreendo. Há muito tempo que está aí debaixo?

— Três ou quatro horas.

— E todos os dias tem de esperar tanto tempo?

— Sim, pouco mais ou menos.

Tenho de esperar que todos adormeçam...

O senhor Canesú começou a passear pela alcova.

— Que desperdício de tempo. Não lhe ocorreu ainda que poderia aproveitar essas horas para ler um livro científico ou policial?

O ladrão, envergonhado, pôs-se a contemplar a ponta dos pés.

— Essas horas que está debaixo das camas não as poderia aproveitar para fazer umas reclamações para as rendas que estão caríssimas?

— Sim, talvez!

— Claro que sim — disse o senhor Canesú empurrando o ladrão para fora do quarto — Informe-se, por exemplo, amanhã dos programas radiofónicos e proteste em nome dos que têm a infelicidade de possuir uma T. S. F.

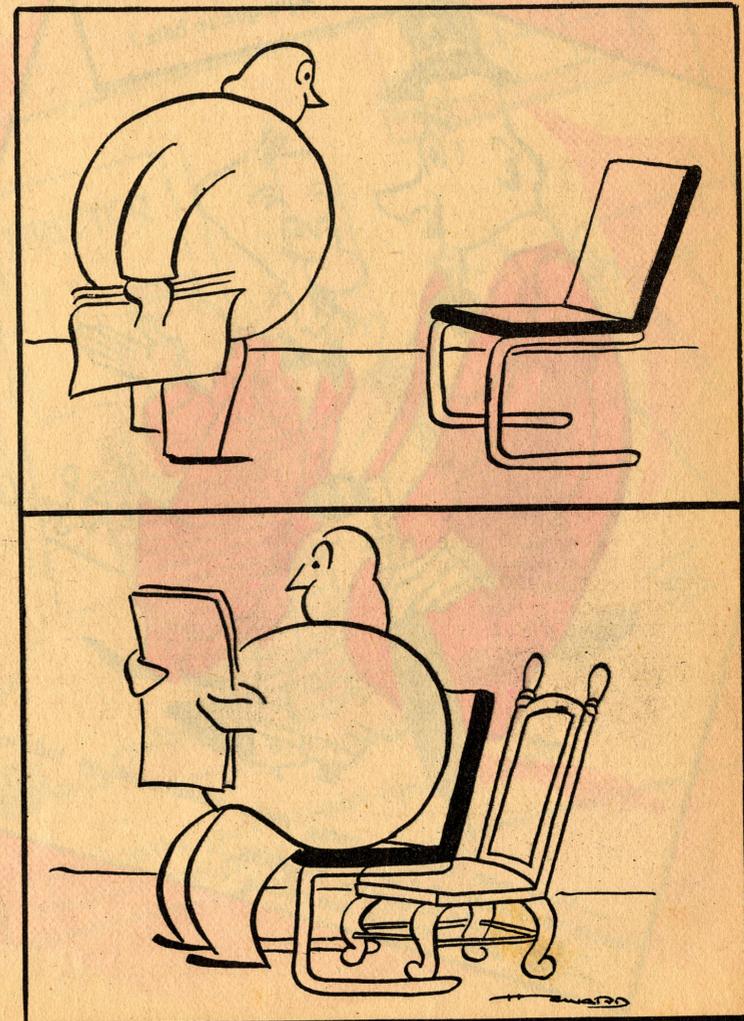
Entretanto o senhor Canesú já tinha aberto a porta e empurrado o ladrão para a rua.

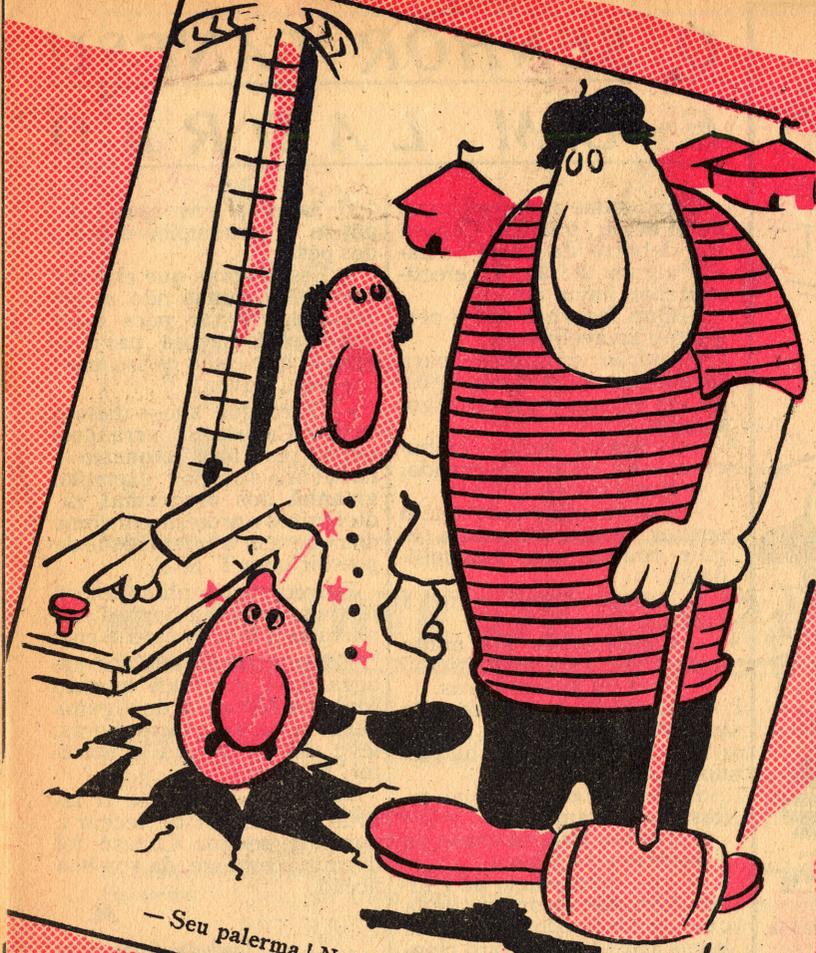
— Não é necessário que me agradeça! Amanhã quando for para debaixo de alguma cama esperar quatro horas, leve um livro para se entreter. Boa noite.

— Boa noite — disse o ladrão. E, depois de fechar a porta, o senhor Canesú foi dormir, contente da sua boa acção.

M.

(tradução e adaptação da "CODORNIZ")





— Seu palerma! Não vá que é aqui que se bate?

CONFISSÕES...

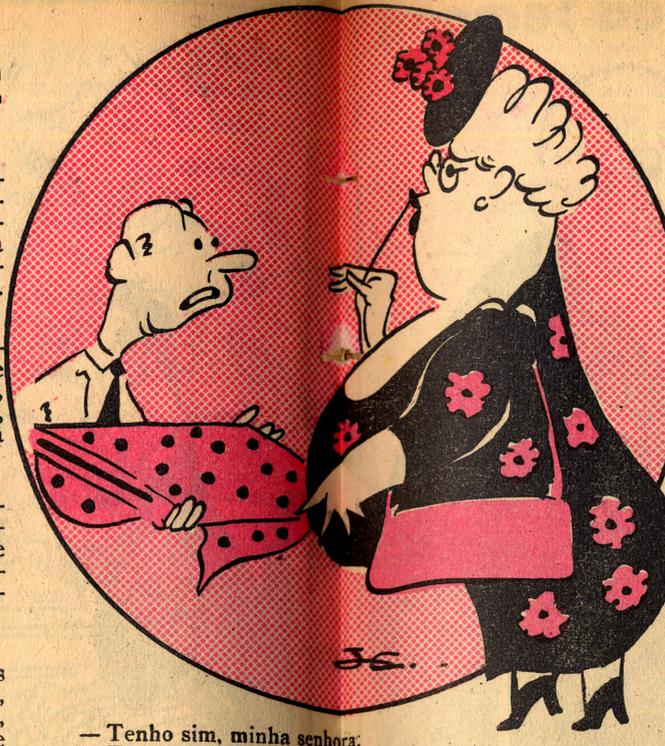
(2.ª EDIÇÃO, BASTANTE MAIS ALDRABADA)

O meu amigo Adryano Coelho, é um homem tão económico, tão económico, tão económico... que, apesar de já ter 42 anos, ainda tem 3 metros do intestino por estreitar.

Aquele tenor de voz formidável, cantava o «Barbeiro de Sevilha» tão bem, tão bem, tão bem... que até se ouvia, a meio da ópera, o afiar da navalha.

O meu canário é um passarinho tão inteligente, tão inteligente, tão inteligente... que em lugar de dizer «pi-pi-pi-pi...», diz: «3,1416-3,1416-3,1416-3,1416».

Uma das minhas antigas namoradas, a Clotilde Palito, tinha uma boca tão grande, tão grande, tão grande... que para dizer 24, via-se obrigada a falar entre-dentes, senão dizia 48.



— Tenho sim, minha senhora.
— Tem o quê? Eu não perguntei nada.
— A senhora não vai perguntar se tenho encarnado com bolinhas pretas?...

...VITAMINADAS

Conheci um homem tão magrinho, tão magrinho, tão magrinho... que, sempre que chovia, nunca se molhava, pois conseguia passar por entre os pingos de água.

Em compensação, o homem do meu talho, é um creatura tão gorda, tão gorda, tão gorda... que sempre que deseja abotoar o seu casaco, tem de dar três passos em frente.

Fui outro dia ao funeral do Carvalhinho das Antas, que era um indivíduo tão baixo, tão baixo, tão baixo... que até os pés lhe cheiravam a brilhantina.

Aquele pobre homem, o Matias das Suspeitas, era tão distraído, tão distraído, tão distraído... que ao entrar em casa, fazia-se anunciar como o vizinho do lado.

(O autor não se descobre, pois receia que o matem...)



— Alto! Não pode passar com o vinho!
— Pelo contrário, meu guarda; o que eu não posso é passar sem o vinho...

ROUBAR NÃO É COISA FÁCIL

«ROUBAR não é coisa fácil» — tinha eu começado a pensar mal me achara sentado à mesa do «café». E vieram-me à mente, de seguida, a série de roubos executados na semana anterior — uma verdadeira limpeza geral às carteiras de certos indivíduos, carteiras tão recheadas como perús, capazes de inspirar um gatuno mais honesto!

E por esta ordem de ideias fui chegando à conclusão, cada vez mais convicto, que roubar não era coisa tão fácil como se supunha por aí, mas, pelo contrário, que era um dos ofícios, uma das artes, hoje em dia, dos mais arriscados e dos mais científicos do universo. «Os ladrões não deviam ser tão perseguidos!» E, que diacho, roubar não seria também uma profissão?!

Sim, os «Almeidas» não limpavam as vielas e os becos? Os barbeiros não limpavam a cara dos freguezes levando-lhes, até, o colro e... o cabelo? As mulheres a dias não limpavam os degraus das portas e os ateliers? E os limpa vias acaso não limpavam as calhas dos «electricos»? E, por último, ainda, um cidadão nonrado e arquimilionário não limpava, também e pelo menos, as suas dignas fossas nasais?

Portanto, os gatunos, tinham de limpar alguma coisa

por Santos Fernando

e como tal aproveitavam as algibeiras do próximo!

Sem saber porquê, comecei a interessar-me deveras pela vida desses meliantes e a visionar no meu subconsciente, as suas maneiras de actuar e as suas maneiras de viver.

Como seriam felizes aqueles que dum roubo obtinham uma fortuna!

E como seriam infelizes aqueles que depois dum tarde actuação chegavam a casa e ao abrirem a carteira, palmada a um sujeito de monoculo, davam de caras com uma capicua de «electricos» e um selo de tostão para recibo e a ultima cota do «Alpercatense»!

Não, roubar não era fácil nem brincadeira para mentes de arco ou peritos de desagregações atómicas.

E mais me convenci que eu tin ia carroças de razão quando me começaram a vir ao cérebro pensamentos da infância: quando eu, por brincadeira, queria esconder as lunetas do meu bisavô ou tirar um caramelo que a minha tia guardava como reliquia paleolítica.

Como eu sofria, dum lado para o outro, sem ter cora-

gem de lhes tocar, tal era o medo de ser visto!

Então, andava como um cão que fareja a presa, cheio de medo de ser visto, muito corado, trémulo só de pensar que se tocasse o caramelo ou os oculos algum me podia estar espiando. E imediatamente o meu rosto me traía ao ponto de após o furto, o ir repor de onde o tirara e me dar por vencido. Durante o dia inteiro não me sentia à vontade tendo mesmo a impressão que todos me acusavam unanimemente.

Sim, roubar é muito difícil e uma simples contração do rosto deita tudo a perder!

Era por isso mesmo que naquele momento tanto me ia interessando, à mesa do «café», por essa corja de ladrões que abundam nos cinco continentes (não sei se já aumentaram, mas parece-me que não!). Não por esses ladrões mesquinhos de instrução primária, com cara de pedra pomes e fisionomia de psicólogos reformados, que roubam borrachas de lápis e canetas de tinta permanente, sem borracha, sem aparato e sem bomba; ou por esses que aproveitando a calada nocturna vão assaltar uma casa;

ou ainda outros que à meia-noite, no Pinhal da Azambuja, de metralhadora ligeira, canivete ponta e mola e outros objectos de uso comum, enfrentam um caminhante, que tem por arma de fogo um apara lápis, intimando-o a largar a massaroca ou a pele!

Não por esses facinoras pusilâmines mas sim por aqueles que nas próprias barbas dum fulano se lhe apoderam da carteira, à luz do dia e em frente dum multidão onde se contam polícias, guardas republicanos e bombeiros.

Era para esses que iam os meus pensamentos. Era exactamente a esses ladrões com carta de curso, que eu rendia preito, uma admiração profunda!

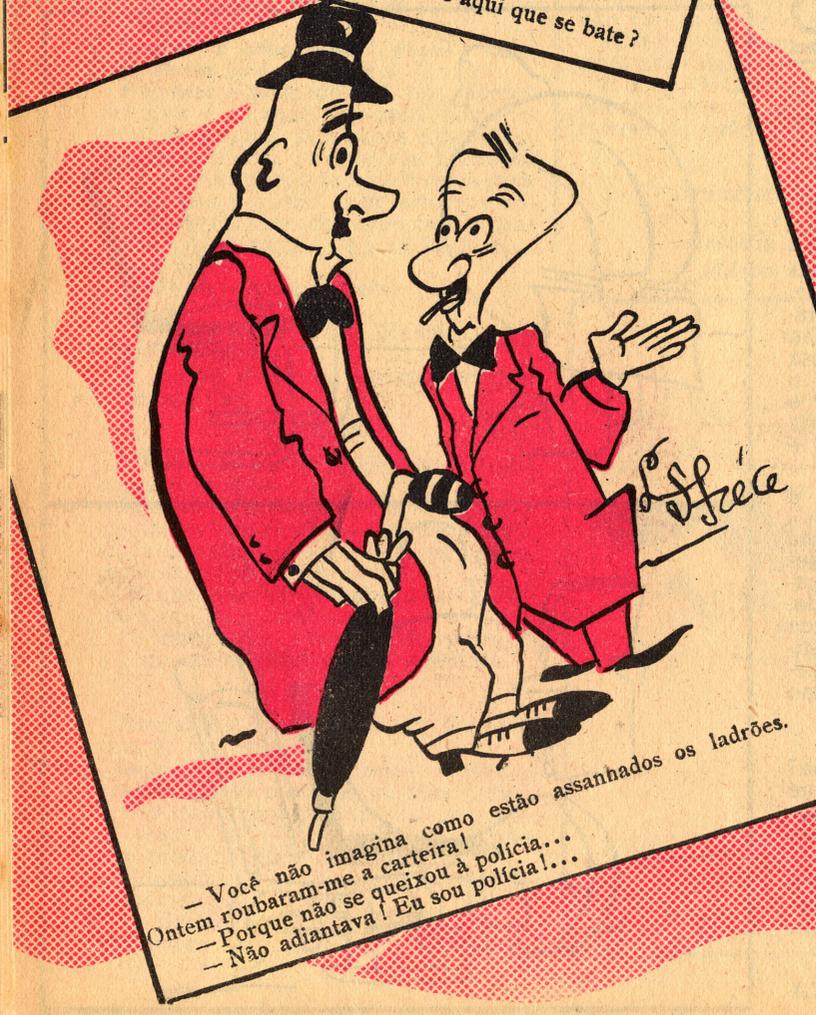
Fantásticos esses homens! A minha volta falava-se animadamente de política, fervorosamente de futebol, entusiasticamente de box e parvamente de cinema.

Comecei a detestar aquela gente que só pensava em banalidades.

Os ladrões, esses, pensavam dum maneira diferente e em coisas mais científicas, sem mudanças de cor ou de casaca, completamente frios e impassíveis perante as mil e uma filosofias mundiais.

Fantásticos esses homens! E a sua calma, a sua perícia, a sua psicologia! Simplesmente fantásticos!!!

(Continua na pág. 8)



— Você não imagina como estão assanhados os ladrões. Ontem roubaram-me a carteira!
— Porque não se queixou à policia...
— Não adiantava! Eu sou policia!...



— Lamento muito que a tua mamã esteja com gripe, mas não te posso deixar sair!

Memórias dum detective

2

Uma semana depois àquele terrível crime, ainda sentia os dentes a baterem uns nos outros. Um arrependimento invadiu-me a alma: o de ser detective! Eu poderia muito bem andar a vender escovas ou empregar-me a lavar pratos em qualquer restaurante da cidade. Mas o mais seguro teria sido atender aos conselhos sensatos de meu pai—que por nunca fazer nada me aconselhava um lugar público.

Eu tinha, então, um horário estúpido como burro. Entrava de manhã e nunca mais saía. Isto é, só saía quando se dava um crimezito.

Não porque tivesse maus fígados ou porque fosse hereditário de qualquer seita cabalística o certo é que, muitas vezes, rezava para que um fulano qualquer aparecesse assassinado.

Um dia estive para matar o Inspector mas cheguei à conclusão que nesse momento não saía e depois caso tornar-se-ia pior.

Eu já lhes descrevi o meu gabinete de trabalho? Bem, o meu gabinete era o suficiente confortável para se morrer de tédio.

A um canto havia uma estante que era pertença do director da Scotland & Arde. Nela haviam livro de Paulo de Kock e de Emilio Salgarí.

A outro canto a minha se-

cretária, mesa de trabalho, mesa de preguiça, mesa de almoço e de jantar.

No centro da casa havia uma lâmpada de 5 velas que só se acendia aos domingos e dias santos. Aí voltejavam as moscas todo o dia fazendo daquilo pista de corridas. No teto ficavam patentes os seus sinais de aborrecimento...

Existia ainda um sofá para receber os assassinados que iam apresentar as suas queixas.

Tinha ainda um bengaleiro e o telefone—o meu terror máximo. De quando em vez o Inspector cuspinhava uma ordem pelo fio. Ele deitava tantos perdigotos que no final eu tinha de lavar a cara. Quando aquilo era pelo fio calculem o que era cara a cara.

Os gangsters e os higienistas não queriam nada com ele.

Cada vez que abria a boca 4 biliões de bacilos de Kock saíam para o espaço. Ele fora carvoeiro, anteriormente.

A's vezes, sir Nicolas Niculus of Funiculá—o director da Scotland & Arde, visitava-me levando um baralho de cartas e uma garrafa de Genebra. Era uma pessoa muito agradável mas, salvo seja, uma autêntica cavalgada.

Mas, passemos ao mais sensacional que jamais acontecera a um detective.

(mas, se me dão licença, passemos no próximo número!...)

A Caricatura da Semana



António Ferro interpretado por Mário Norton.

Rigoroso exclusivo de RISO MUNDIAL

Reprodução proibida

● BOLA FORA ●

— OS GALOS, DEPOIS DA «GALINHA», PUZERAM QUATRO OVOS... —

— Fala o CHICO DO APITO

Só hoje o médico nos deu alta, depois da horrosa doença de que fomos vítimas no dia 23, naquele malfadado Estádio do Jamor! E viemos nós, propositadamente da Escandinavia, para logo de repente encontrarmos onze «pasteis» a verem jogar o futebol...

Ficámos doentes e ninguem se admire, pois só na nossa enfermaria estavam sete donzelas ex-apaixonadas do Barrosa e três maduros que levaram todo o santo desafio a gritarem pelo Tavares da Silva...

E, de-facto, o caso não foi para menos!

Quem viu aqueles pequenos a jogarem na primeira parte de tal maneira que até o Peyroteo meteu um gôlo (Oh! Virgem Santa!!!), não podia esperar que a seguir, ali enquanto o Diabo esfrega

um olho, fosse possível os «galos» porem quatro ovos... Quando aquilo chegou aos 2-2 ainda houve quem tivesse peneiras, mas também nós, quando foi do Portugal—Inglaterra, julgámos que na 2.ª parte é que iam ser elas e afinal foram só mais cinco! Parece que não estamos habituados a estas coisas... Só contra a Espanha e contra a Irlanda é que não, mas de resto só temos ganho moralmente. E o resto é cantiga...

Este desafio de agora, sem contratadores a levarem-nos a «massa» e com lugares vagos na bancada central porque os meninos «pipis» já viram que o futebol é sempre a mesma coisa—onze de cada lado, uma bola ao meio e um homem vestido de preto com um apito na boca...—, este desafio com a França, di-

ziamos nós e muito bem, correu torto por linhas direitas (ou ao contrário, se quiserem!).

Deram sôpa ao Sr. Tavares, nomearam um Comité de Segurança, acabaram com a hospedagem nesses hotéis caríssimos, puzeram o Scopelli a destreinador, treinaram os novos e depois só para brincarem com a gente chamaram os mesmos de sempre, o Peyroteo foi para capitão só para verem o Amaro com uma «cachola» desgraçada e, no fim de contas, 4-2 a favor das visitas, para que assim os ingleses não julgassem que perdemos com eles só por causa da velha aliança.

Ora agora, se nós mandássemos, a rapaziada não tinha posto o pé na jantarada! Se quizessem comer, fossem ao «Farta Brutos», porque esta coisa de fazerem asneiras e

ainda por cima terem rancho melhorado já devia ter acabado.

Vocês repararam, com certeza, que quando entrou o quarto gôlo dos «galos», o Barrosa estava fora de campo, com o massagista de volta dele. Pois parece que o Azevedo, quando ele se deu por curado, perguntou ao massagista se tinha estado a envernizar as unhas ao rapaz... Aquele Azevedo é um «largo»!...

No fim, depois daquele sofrimento todo, como se nós é que tivéssemos a culpa da derrota, tivemos que chupar meia-hora na bicha para o comboio. O que valeu foi o comentário dum vizinho que esteve sempre muito calado e no fim, quando se falou no resultado, saiu-se com esta:

— «Enfim... Todos morreram calçados!»

RECEITAS DE MESTRE CALDEIRÃO

Como os tempos não vão propensos para desperdícios, oferecemos às nossas gentis leitoras o seguinte

JANTAR ECONÓMICO

(Para 4 pessoas, fóra a sogra)

SOPA FALSA DE CARANGUEJOS — Apanham-se duas dúzias de caranguejos em plena marcha-atraz e ao pôr do sol. Lavam-se os crustáceos, muito bem lavados, com sabão amarelo e potassa. Em seguida, colocam-se os simpáticos bichinhos num alguidar de baixo para cima ou de cima para baixo — tanto faz... — e deixa-se que eles descansem das fadigas, uma noite inteira.

No dia seguinte, depois de se lhes dar os bons dias — a boa educação, em primeiro lugar — despeja-se-lhes em cima dois litros de água de rosas para tirar aquele cheiro

antipático que os caranguejos exalam depois de uma noite mal dormida.

Escorre-se muito bem, mudando-os para um tacho de alumínio. Junta-se-lhes um raminho de salsa, dois alhos verdes, três cenouras, um litro de água filtrada, cinco miligramas de soda, um decilitro de azeite (lá se vai o resto do racionamento do mês), 24 folhas de papel almaço e uma cebola cortada às rodelas.

Vai ao lume a 395 graus. Quando os caranguejos já não chiarem é porque estão prontos, morreram.

Serve-se quente em pratos bem cheios.



— O quê!..., não acredito que os senhores sejam todos médicos!

ROUBAR NÃO É COISA FÁCIL

(Continuação da página central)

Para mim, esses homens eram mais artistas que um cantor de fados, mais calculistas que um matemático paralítico, mais dinâmicos que uma locomotiva, mais e mais inteligentes que um bacharel com cartório aberto em Lisboa, Porto, Coimbra e Freixo-de-Espada-à-Cinta.

Não era a arte de roubar, mais difícil que a arte de arrancar dentes? Enquanto os dentistas extraíam com dor os larápios usavam dum só contacto!

Não seria um jogo muito mais arriscado do que o xadrez, as damas, o burro americano, a roleta ou o «lá vai alho»?!

Certamente que sim! E um ferroviário aposentado, com toda a certeza, não seria capaz de executar um «serviçinho» daqueles!

Um ladrão poderia pregar um soalho, cair uma parede, fazer uma conta de multiplicar com a respectiva prova do nove, saber da densidade do leite e cantar uma area de

Verdi, de Strauss ou de Bernabé Pimenta!...

...Mas um carpinteiro, ou pintor, um segundo escriturário sindicalizado, um químico, um divo dos divos ou um compositor não seriam capazes de roubar, sequer, um lápis faber numero 2!

Admiráveis esses homens! Admiráveis e está tudo dito.

Depois de tanto pensar, levantei-me e dirigi-me para casa lendo os cartazes nas paredes, extensos placards de anuncios. E, a contar os postes telegráficos e os buracos espalhados pelas ruas, achei-me em frente do meu predio.

Quando, pouco depois, ao despir-me ia a pendurar o casaco, deixei escapar um rugido de cólera e de espanto: Os malditos e abomináveis ladrões haviam-me bifado a carteira pele de crocodilo, com quinhentos escudos lá dentro!

Ah, como eu detesto essa cafila de gatunos e amigos do alheio!



— O Alves é absolutamente imparcial. Ou acerta na perdiz no cão ou em mim!

• DOIDICES •

— Mora aqui o senhor Saraiva?

— Como diz?

— Se mora aqui o senhor Saraiva!

— Um momento. O' Ti Ana, chegue aqui.

— O que deseja?

— Mora aqui o senhor Saraiva?

— Espere um pouco que eu não percebo! O' Rosa!... atende este senhor.

— Diga!

— Eu desejava saber se vive aqui o senhor Saraiva?

— O quê?

— Saraiva! Saraiva! Saraiva!

— Queira esperar um bocadinho. O' Gabriell!

— Que deseja?

— Eu desejava saber se mora aqui o senhor Saraiva!!!...

— Hein?

— O senhor Saraiva!

— Palavra de honra que não percebo. O senhor diz? ..

— Digo se mora aqui o senhor Saraiva?!

— Como?

— Desculpe meter-me na conversa, cavalheiro! Esta família é doída. Não faça caso, portanto. Tenha a bondade de perguntar o que deseja!

— Muito abrigado!... Eu desejava saber se mora aqui o senhor Saraiva.

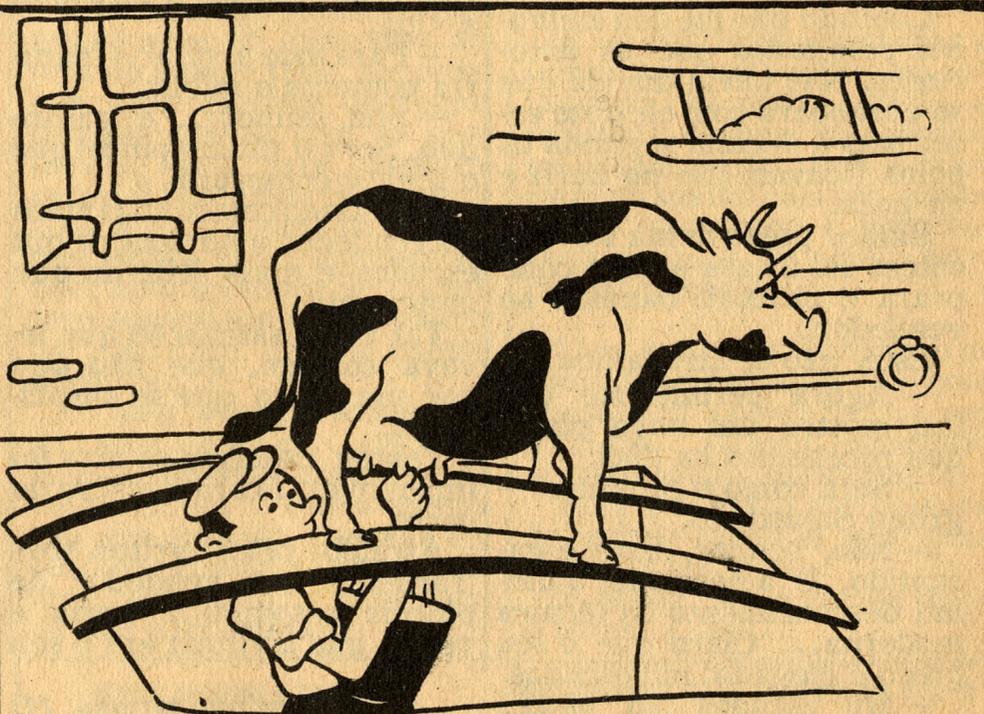
— Como?

— Se mora aqui o senhor Saraiva!

— Diabo, não percebo!

— Eu já percebi tudo! Vocês estão todos doídos!... E como poderia morar aqui o senhor Saraiva?... se o Saraiva sou eu!

DON TARA



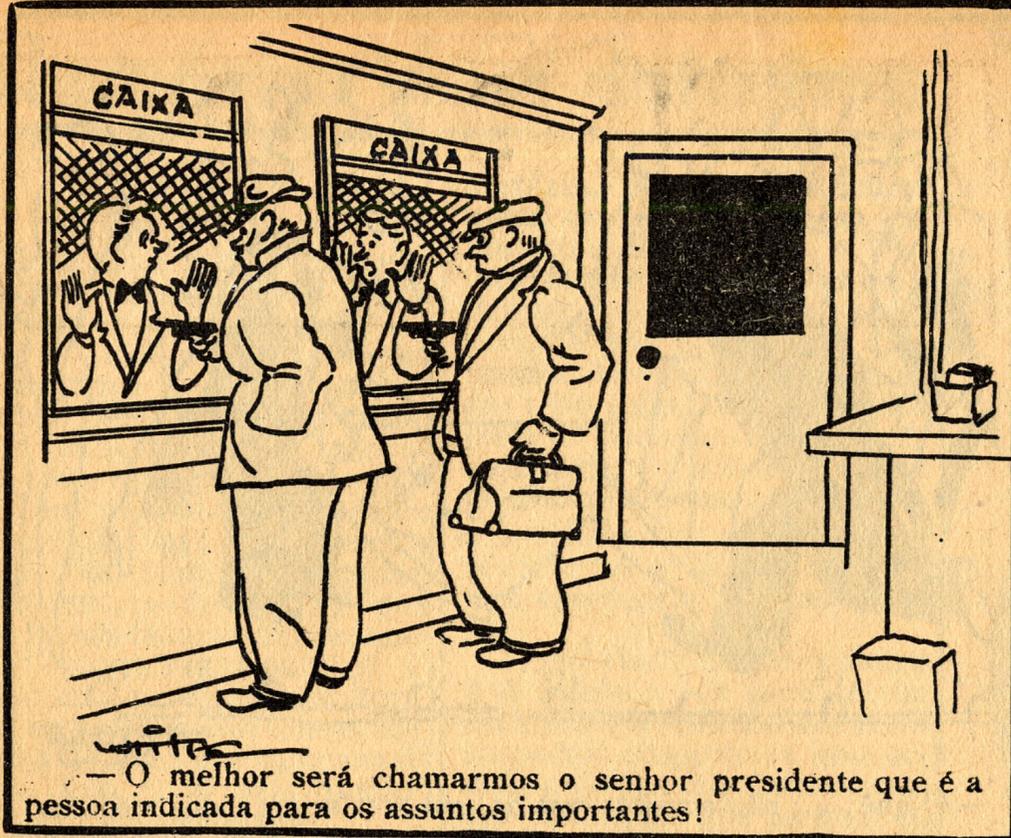
ELLI

Um ex-empregado de garagem que se dedicou a leiteiro.

O meu amigo Narciso...

(SINTESE DE UMA VIDA)

por ALFREDO ABREU



— O melhor será chamarmos o senhor presidente que é a pessoa indicada para os assuntos importantes!

O ULTIMO PINCEL

Salustiano não era um homem feliz, posto fosse solteiro, tivesse 25 anos, se achasse bem colocado e tivesse sorte com as mulheres.

Havia uma coisa, uma só coisa na sua vida que perturbava a paz do seu espírito. Talvez uma coisa trivial, insignificante. Era nada mais nada menos que o pincel para a barba.

Nunca encontrara um pincel excelente que distribuisse bem o sabão pela sua cara. Todos os que adquiria se desmoronavam à primeira ou segunda vez. O que durara mais tempo fora um que ao 4.º dia ainda tinha 5 pelitos.

Salustiano sentia-se desfalecer. O ordenado não lhe dava para tantos pincéis. Um dia decidiu barbear-se na própria barbearia mas ai davam-lhe cabo da cutis e falavam-lhe constantemente no futebol e nos touros.

E teve que volver aos seus pincéis. Desta vez sacrificou a bolsa e adquiriu um, soberbo, com o qual estava seguro — dar-lhe-ia para o resto da vida.

Contudo não lhe deu melhores resultados que os anteriores. Não havia dúvida que se ensaboara com ele onze vezes mas à décima segunda os pelos ficavam-lhe no nariz e na boca.

Então, preso duma terrível cólera foi à casa onde o comprara e chamou bandido ao vendedor.

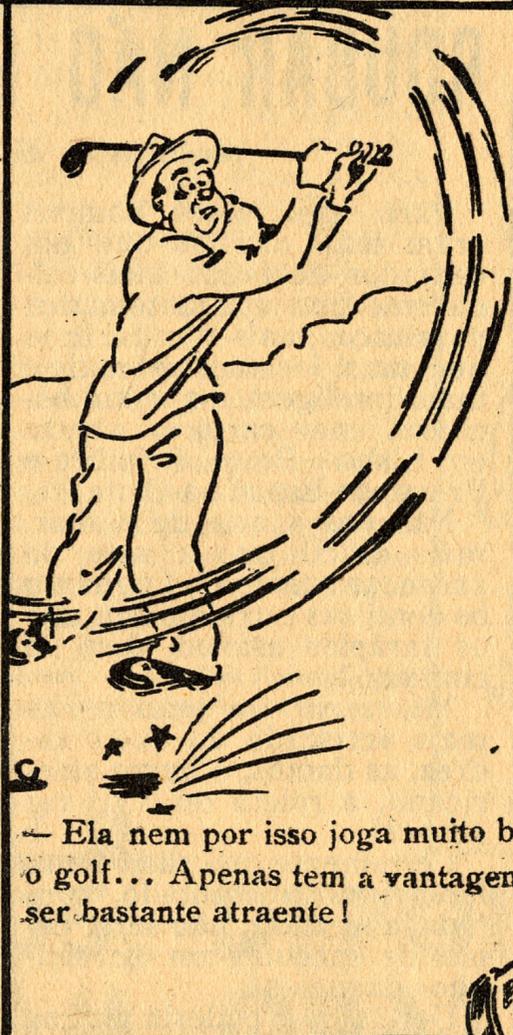
Este, não se atrapalhou.

— Agora permita-me que lhe mostre um novo pincel que recebemos há dias.

— Será como o primeiro! — gritou Salustiano.

— Não, senhor, Este é garantido. E' americano, o último descobrimento da técnica moderna... Claro que o seu preço é elevado: mil escudos.

— Mil escudos um pincel



— Ela nem por isso joga muito bem o golf... Apenas tem a vantagem de ser bastante atraente!

para uma pessoa poder ensaboar a cara? — articulou apalermado o Salustiano.

— E' caro, realmente. Mas este pincel dar-lhe-á para toda a vida.

— Para toda a vida? — inquiriu contente o infeliz.

— Sim senhor... e garantido. Será o último pincel que o senhor comprará.

Salustiano colocou nas mãos do vendedor uma nota de mil escudos e mais feliz do que nunca saiu.

Tal era a satisfação que levava consigo, que não deu por um carro que se aproximava.

Tentou esquivar-se mas foi impossível: ficara debaixo do carro,

Atraído pelos gritos dos transeuntes o vendedor de pincéis assomou à porta e vendo que a vítima era o seu

(Continua na pág. 11)

Era uma santa criatura, o meu amigo Narciso... Naquela tarde de Agosto em que ele me foi apresentado pelo meu primo Aparicio autor do tratado O APROVEITAMENTO DAS VITAMINAS DA CASCA DA AZEITONA, eu vi logo que tinha na minha frente um amigo, amigo do seu amigo e um *compincha* de alto lá com o charuto!... (Não confundir com a revista do mesmo nome). Já o conhecia «pessoalmente» de ouvido, pelo telefone,

mas nunca, felizmente, havia tido a necessidade de transpor o limiar da porta de «A CONFIANÇA» — EMPRESTIMO SOBRE PENHORES — de que ele era mui digno proprietário.

Narciso Labregas sofria do analfabetismo desde a idade de três meses e no entanto tinha uma excepcional geiteira para a criação de pombos correios e para a «bisca de nove»... Dotado de um espírito prático, prudente e económico, conseguiu amealhar alguns cabedais destinados a uma velhice calma e sossegada como uma sogra em estado cataléptico.

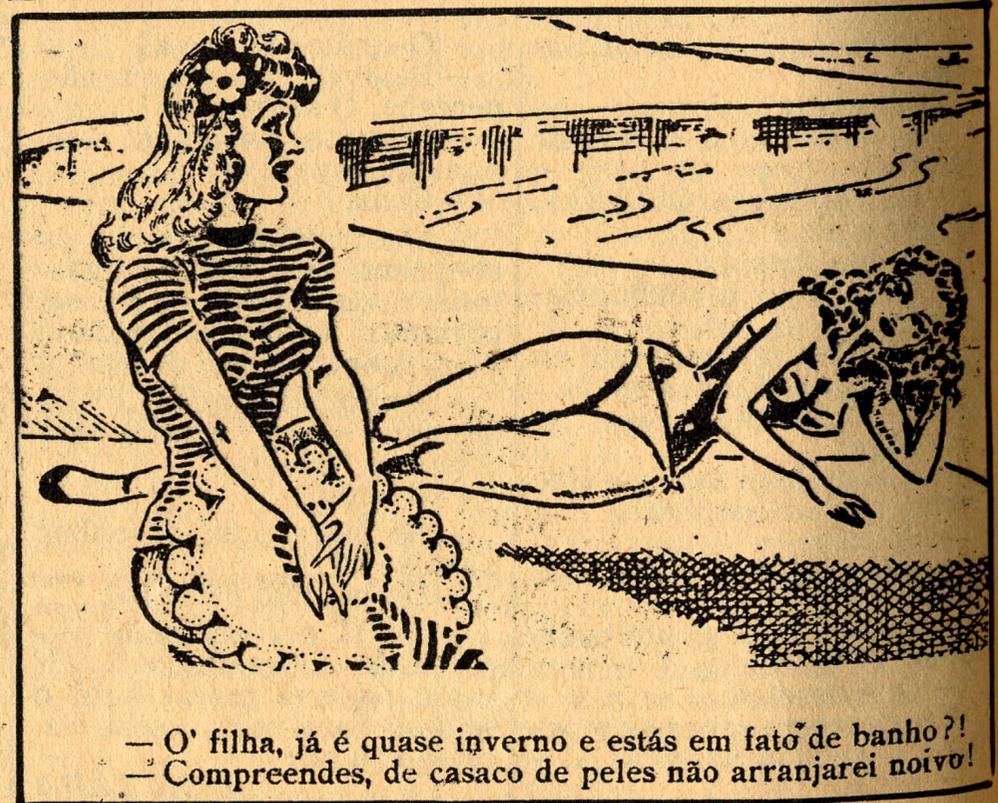
Compravamos o jornal «a meias» para maior economia, mas escolhíamos de preferência aquele que trazia mais páginas porque o meu amigo além de sofrer dos intestinos tinha bastante necessidade de papel para a embalagem dos seus trastes e eu para a minha correspondência quotidiana...

Nunca vício algum tomara a pessoa de Narciso Labregas. Na loja, quando a freguesia era nula, ele entretinha-se a fazer «stucas» de papel com miolo de figueira brava e a coleccionar asas de moscas neurasténicas...

O jogo da lotaria horrorizava-o!!! Nunca se interessara mesmo por qualquer extracção a não ser a EXTRACÇÃO DOS CALOS POR CORRESPONDENCIA obra fasciculada que eu lhe lia de oito em oito dias, meia hora antes das principais refeições...

Passámos assim alguns anos em perfeita camaradagem e solariedade até que um dia o meu amigo resolveu perder o juízo... e casou!

(Continua na pág. 11)



— O' filha, já é quase inverno e estás em fato de banho?
— Compreendes, de casaco de peles não arranjarei noivo!

A MEDICINA ATRAVES DOS TEMPOS

(Continuação da página 2)

possuidora de dotes físicos muito apreciáveis.

Uma vez descoberta — quando é descoberta... — a causa do sofrimento, o médico cofia a barba — se a tiver — e desata a fazer uns gatafunhos indecifráveis numa pequena folha de papel timbrado que se chama receita.

O ULTIMO PINCEL

(Continuação da pág. 10)

cliente agachou-se e sussurrou ao seu ouvido:

— Eu garanti-lhe que era o último pincel que comprava na sua vida.

— Sim. Tinha razão — gemeu Salustiano quase a morrer — Não gastarei mais dinheiro em pincéis.

E expirou.

Angel Santa Cruz

(Tradução e adaptação do «CUCU»)

A receita — que paradoxo! — é uma coisa que serve para fazer despesa na farmácia. E' na receita que vai indicado o medicamento que custa, na maioria dos casos, os olhos da cara.

O médico é uma entidade que tem sido, através dos tempos, alvo das ironias e sarcasmos dos humoristas — pessoas que sempre me mereceram a maior antipatia.

Mas sem o médico o que seria de nós, quando nos sentimos torturados por qualquer dôr que não se domina com o caseiro chá de tília?

Consideremos, pois, o médico como o nosso melhor amigo e tratemos de arranjar o dinheirinho da consulta que é sinal de que estamos vivos.

Dr. da Mula Ruça

A seguir: COMO SE ACUSA E COMO SE DEFENDE.

ULTIMAS NOTICIAS

Chung-Li-Fung da aldeia de Ling-Fing-Ning acaba de ser eleito procurador oficial de Nung-Sung-Tung. O facto é sensacional e espera-se que Chung-Li-Fung da aldeia de Sing-Fing-Ning saiba compreender os ideais de Nung-Sung-Tung, agora com o braço direito de Chung-Li-Fung da aldeia de Sing-Fing-Ning.

Aí vai a resposta

Don Juan — Viana do Castelo — Os seus versos serão publicados quando houver... vaga... r! Saúde e bichas!

Artibad — Aveiro — «O roubo das jóias do Conde X» além de se tratar dum

assunto de carácter manicomial é um conto que roubaria o espaço a 3 ou 4 colaboradores. O senhor fala-nos em paradoxo mas estou desconfiado que você é que anda paradoxal!

António Duarte Lima — «O sabonete a contas com a policia» é um daqueles títulos que não estão certos, visto que o conto é muito porquinho para cheirar a sabonete! Das 3 anedotas uma tem barbatanas e as outras duas não têm graça. Não desanime e continue... a fazer melhor.

Guedes de Oliveira — Perrosinho — «O aniversário...» é grande para burro! O meu amigo tem piada. Veja se faz anos em espaço mais pequeno... Lá por se tratar dum conto «Aniversário» não escreva 365 folhas de papel!

RISO MUNDIAL

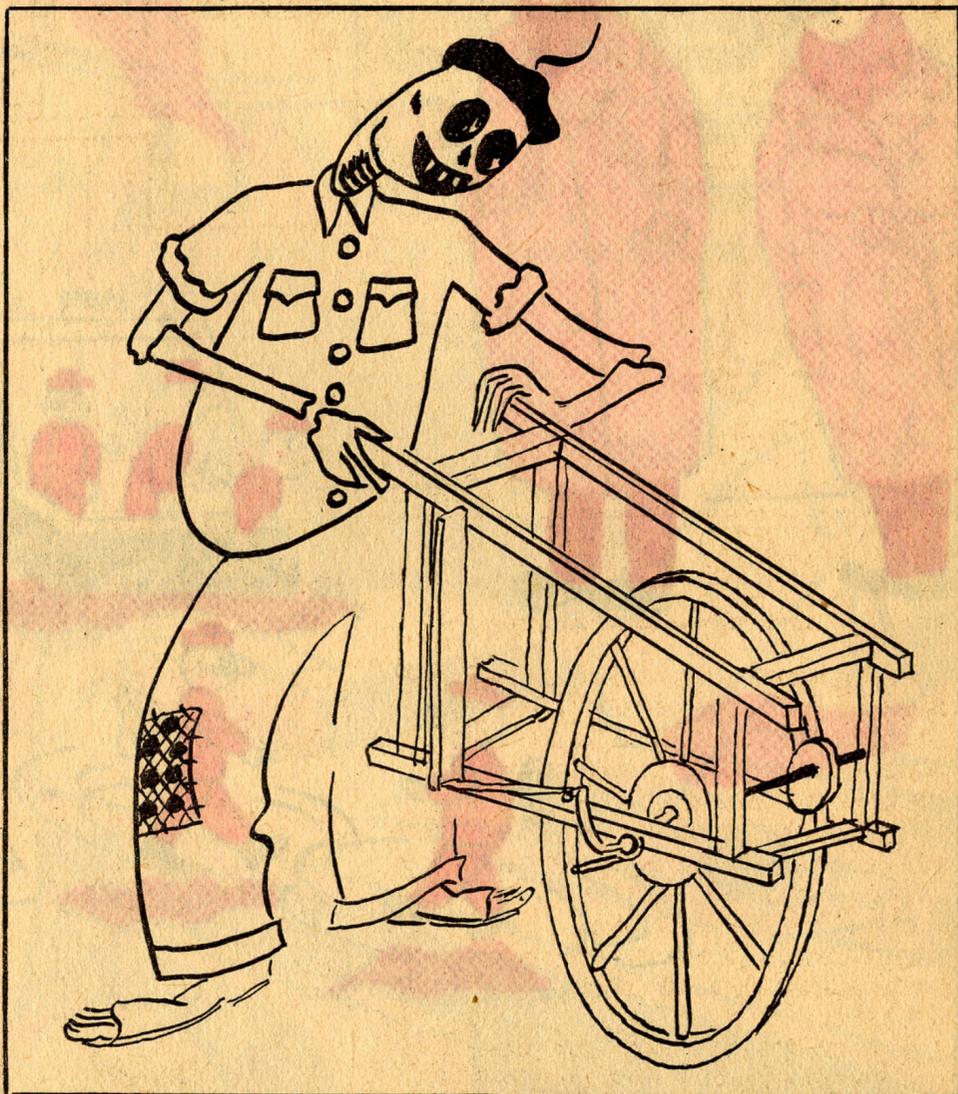
Redacção e Administração: RUA DE SANTANA (A' LAPA), 15 — LISBOA * Composição e impressão: EDIÇÕES «O MOSQUITO», LDT., Trav. de S. Pedro, 9 Telefone 25893 * Distribuidores: AGÊNCIA ARGOS Rua da Assunção, 42, 2.º Telefone 20925 — LISBOA

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua de Santana (à Lapa), 15 — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ESQUELETOS NO AR

ESQUELETO XII



— Amola fassouras e nabalhas!

— Quem é?

1.º Prémio: 1.000\$00 2.º Prémio: 750\$00

3.º Prémio: 500\$00

Brevemente mais sensacionais prémios

Brevemente: CADERNETAS A' VENDA

O meu amigo Narciso...

(Continuação da pág. 10)

Como, porém uma desgraça nunca vem só, dois anos depois do enlace fatal, a esposa, por uma questão de regas, decidiu acabar com os seus dias e fugiu para parte incerta, ficando Narciso a viver com a sogra «aquela santa» que nunca o presenteara sequer com o esboço de um mísero sorriso ainda que da côr da epiderme de um doente hepático...

O meu amigo sofreu um grande choque... electrico com o desaparecimento da companheira e todas as noites, em segredo, chorava em surdina, viradinho para a parede, esta canção repassada de dor e de saudade:

«Não sei porque te foste embora, Não sei que mal te fiz, Engrácia, Só sei que cá em casa, a toda a hora Só vejo Inquietação, luto, DESGRÁCIA!»

E as lágrimas «ingénuas e luminosas» saíam-lhe em catadupas dos olhos afilados e ictéricos, deslizavam mornas, pelos lençóis da cama e morriam no soalho com um «ping» «ping» monótono e compassado ao som do qual o Narciso adormecia...

Uma tarde de Dezembro os sinos da igreja cobravam com insistencia a ponto de ficarem torcidos... Havia transitado alguém para o «outro mundo»!

Fôra o Narciso que deixara de existir afogado nas suas próprias lágrimas.

E desde então nunca mais o tornei a ver...

Director (Interino) e Proprietário:

JERÓNIMO PITEUS DE SOUSA

Editor (Interino): J. A. ROUSSADO PINTO

Redactor principal: FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)

